

## 1. IDENTIFICAÇÃO DO BEM

Designação: Palacete do Godinho.

Localização: Avenida D. Afonso Henriques, n.º 487 e Parque Público 25 de Abril - Matosinhos.

Proprietária: Câmara Municipal de Matosinhos.

Categoria: Monumento.

Graduação do interesse cultural: Interesse municipal.

## 2. PALACETE DO GODINHO E RUA DO GODINHO COMO ESTRUTURANTES URBANOS

O Palacete do Godinho é um imóvel de relevante valor arquitetónico, sendo um objeto urbano indissociável do traçado da Rua do Godinho. Em conjugação com este, constitui uma estrutura espacial fundadora da forma da cidade, tal como hoje a conhecemos.

Enquanto edifício, este palacete parece mais focado no seu papel de objeto urbano do que na sua função de habitação. Todos os seus elementos arquitetónicos procuram agarrar e dominar o espaço urbano, através de uma teatralidade que se revela em características, tais como a simetria de grande expressividade, a disposição e tratamento dos vãos, a centralidade da entrada, reforçada pela construção de um corpo de dois pisos com fachada coroada por um frontão triangular.

A condição do edifício, como remate da Rua do Godinho, é levada ao limite de parecer, até, querer transportar esse papel para o seu interior. Veja-se toda a circulação e distribuição que sucede à porta de entrada central, com a escada em granito que se implanta no átrio de acesso, ligando-o ao vestíbulo superior, do qual parte a escadaria de madeira, em serpentina, para o andar. Tudo isto enquadrado por uma arcada ao modo serliano e por portas em arco, formando um contexto cenográfico, ao qual se acrescentam dois painéis em azulejo, alusivos a factos da história de Portugal.

É esta entrega ao papel de estruturante urbano que constitui o aspeto mais singular desta *Casa de Brasileiro*, construída com uma linguagem de inspiração neoclássica, por um torna-viagem que fez parte da diáspora migratória oitocentista para o Brasil.

No volume do *Guia de Portugal, “Entre Douro e Minho”* (publicado em 1964 e 1965), correspondente ao quarto volume, primeiro tomo (*Douro Litoral*), em texto de Sant’Anna Dionísio sobre Matosinhos, refere-se: “*As ruas, relativamente longas e planas, são perpendiculares ou paralelas à linha de mar, hoje sensivelmente alterada pelas obras do porto. Mas essa regularidade não é perfeita. No xadrez dos arruamentos há uma intersecção de dois mosaicos convergentes; o mais fiel à linha de costa é o do norte. A rua do Godinho marca o encontro dos dois reticulados.*”

A vila de Matosinhos, abrangendo as freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, havia sido criada em 1853. Tornar-se-á sede do Concelho de Bouças em 1909, passando então este a denominar-se Concelho de Matosinhos.

António Godinho da Silva, regressado do Brasil, constrói para sua residência o imóvel que hoje denominamos de Palacete do Godinho no início da década de 1860. Logo de seguida, em 1867, como se da mesma obra se tratasse, adquire os terrenos necessários para a abertura de uma rua que, partindo da então Rua de Santana onde se localizava a sua casa, definia um traçado em linha reta tendo como referência o Padrão do Bom-Jesus de Matosinhos, em pleno areal junto ao mar. Numa primeira fase, com obras financiadas por António Godinho da Silva, a rua é aberta e macadamizada até à então Rua do Juncal de Cima (hoje, Rua de Brito Capelo). Em 1874, estavam criadas as condições para essa rua ser prolongada até à praia, graças a compra dos terrenos por António Godinho da Silva.

A Rua do Juncal de Cima, assim denominada por ter sido aberta e implantada sobre a área de juncal que precedia o areal, começa por ser uma estrada municipal macadamizada: Estrada Foz - Leça da Palmeira (1865-1870). Recebe a Linha marginal – Companhia Carril Americano do Porto à Foz e Matosinhos, a muares, em 1872. A tração animal é substituída pelo carro elétrico em 1898.

A construção do Palacete do Godinho e a abertura da Rua do Godinho, em conjunto com o grande e sempre crescente protagonismo da Rua do Juncal de Cima, determinaram o traçado da área urbana de Matosinhos, correspondente à ocupação do século XIX e início do século XX (Matosinhos Norte).

Esta ocupação é logo catalisada pela construção dos molhes do porto de Leixões construídos entre 1884 e 1895. Transforma-se um lugar que era de juncal e areal, recortado ao sul pela ribeira do Prado e limitado ao norte pelo casario junto ao rio Leça, numa área urbana de quarteirões. Esta ocupação não se poderá considerar planificada. Tem um desenvolvimento conduzido pelos poderes públicos que decidem a abertura, a macadamização e o empedramento das ruas e o pagamento das obras que, por vezes, são patrocinadas por privados. Podemos considerar o essencial desta ocupação finalizada com a conclusão do empedramento da Avenida Serpa Pinto em 1904.

### 3. O VALOR ARQUITETÓNICO DO IMÓVEL

Matosinhos conta com três importantes exemplos de Casas de *Brasileiro*, na Avenida de D. Afonso Henriques: a Casa da Família Costa Braga, a Casa de Emídio José Ló Ferreira (Palacete do Visconde de Trevões) e a Casa de António Godinho da Silva (Palacete do Godinho).

Estes três exemplares são registados no belo livro de José Carlos Loureiro, Paula Torres Peixoto e Patrícia Santos, *Conhecer para preservar, Casas de Brasileiro, Norte e Centro de Portugal*. O Palacete do Godinho é bastante mais antigo que os outros dois exemplares, sendo construído na década de 1860, enquanto os outros o foram no início do século XX - o Palacete do Visconde de Trevões foi iniciado depois de 1910 e terminado em 1913 - 50 anos depois. Esta diferença temporal é bastante visível na linguagem arquitetónica. Também estes dois últimos imóveis apresentam grandes diferenças de linguagem entre si. Estas situações demonstram, por um lado, que não existe um tipo específico de Casa de *Brasileiro*, como é lembrado no livro supracitado; por outro, a importância cultural destas casas, fortemente influenciadas por modelos arquitetónicos europeus, com época, constituindo exemplares da nossa cultura arquitetónica que devemos preservar como património.

#### 4. DESCRIÇÃO DO IMÓVEL

O Palacete do Godinho é um imóvel elegante, com planta e fachadas de quase absoluta simetria que, assumida no edifício, se estende para os muros, escadarias e portões que o ladeiam. O edifício implanta-se à face da rua, sendo os muros encimados com grades de ferro forjado, tendo cada um dos dois muros um portão ao centro igualmente em ferro forjado, enquadrado por pilastras de cantaria de granito, rematadas superiormente por urnas. Pilastras e urnas repetem-se nas extremidades dos muros, ocupando o conjunto, edifício e os muros de cada um dos lados, uma frente total de cerca de 54 metros de extensão. O edifício tem um desenvolvimento considerável em planta, que constituiu um retângulo com cerca de 23 metros de largura por aproximadamente 16 metros de profundidade, do que resulta uma área de rés-do-chão de 369 m<sup>2</sup>. Ao centro o edifício eleva-se um volume que acolhe as áreas de andar da habitação, com cerca de 6 metros de frente e que se desenvolve a toda a profundidade do edifício, constituindo uma área de andar com um pouco menos de 100 m<sup>2</sup>.

A fachada frontal é de desenho apurado, tirando partido da diferença de cerca de 2,20 metros, entre a cota do arruamento e a cota do terreno da casa, diferença esta declarada pela altura do muro e pelo soco da fachada do edifício. Esta denúncia do desfaseamento de cotas é reforçada de forma muito interessante por uma linha horizontal contínua, quase constituindo um friso único de cantaria, que percorre toda a frente da propriedade, e que na fachada do edifício remata superiormente o soco deste, continuando-se nos muros laterais como chapim. Este mesmo chapim, serve de guia para o jardim que se desenvolve por detrás do muro.

Completam o corpo principal da casa um conjunto de anexos confinantes com as extremas norte e sul. Os topos anteriores destes anexos delimitam as áreas de jardim frontais que ladeiam a

casa e que se desenvolvem por detrás dos muros voltados à rua, com acessos diretos respetivos a partir dos portões existentes.

A planta da casa tem uma estrutura de base simétrica, quer longitudinalmente, quer transversalmente. Anteriormente à intervenção de Álvaro Siza, como o comprova o levantamento efetuado pelos serviços da Câmara Municipal em 1990, a compartimentação interior era redundante e um tanto desequilibrada.

## 5. INTERVENÇÕES RECENTES

### 5.1. INTERVENÇÃO DE ÁLVARO SIZA, EM 1996-1997:

O palacete foi adquirido pela Câmara Municipal de Matosinhos à família Costa Braga, tendo sido realizada a respetiva escritura da compra a Manuel Luís Landeira dos Reis Braga e Outros, em 6 de julho de 1989. Posteriormente, a Câmara decidiu instalar no imóvel a Casa da Juventude, tendo para tal adjudicado ao arquiteto Álvaro Siza o projeto de restauro, realizado nos anos de 1996 e 1997, tendo a inauguração das instalações ocorrido em 24 de novembro de 1997.

O projeto e as obras tomaram o título de *Restauro da Antiga Casa Costa Braga*, tendo sido realizado o seguinte conjunto de intervenções:

1. Foram corrigidos os desequilíbrios na compartimentação interior, com a remoção de várias paredes divisórias e respetivas portas, e com a remodelação das casas de banho e da cozinha, substituindo-se os azulejos que revestiam as paredes por azulejos iguais e colocando-se novos mosaicos hidráulicos nos pavimentos.

2. Foram reabilitados os anexos:

- a) O pavilhão do lado norte foi adaptado a atelier e recuperada a estufa junto a este;
- b) O pavilhão existente no lado sul foi adaptado à atividade de fotografia, com átrio, laboratório, câmara escura, sala de impressão e sanitários;
- c) No lado sul, foi ainda construído um novo pavilhão para arrecadação e sanitários de apoio às instalações da Casa da Juventude.

3. Foram realizadas as seguintes reparações:

- a) Reparação de rebocos exteriores (com substituição dos rebocos de cimento por rebocos de saibro com cal) e dos rebocos interiores, bem como de tetos e pavimentos;
- b) Reparação de caixilharias e das suas pinturas, retirando o esmalte então presente e repondo a pintura original a tinta de óleo, com realização de restauros das ferragens;
- c) Reparação de toda a obra de funileiro e de caleiras em chumbo;
- d) Reparação dos gradeamentos exteriores em ferro forjado;

## 5.2. INTERVENÇÃO REALIZADA PELA CÂMARA MUNICIPAL, em 2006 e 2007.

(Projeto do Arq. Rui Silva, com colaboração da Arq.<sup>a</sup> estagiária Marta Moreira)

O projeto e as obras (que foram efetuadas pela Câmara em 2007) tomaram o título de *Recuperação da Casa da Juventude em Matosinhos*. Respeitaram todos os elementos resultantes da intervenção de Álvaro Siza em 1997, tendo sido realizadas as seguintes ações:

1. Obras de adaptação das instalações às normas técnicas relativas à acessibilidade de pessoas com mobilidade condicionada que entraram, então, em vigor, tais como:

- a) Criação de um sanitário para pessoas com mobilidade condicionada;
- b) Execução de uma rampa de acesso nas traseiras da casa, executada em peças maciças de granito igual ao existente no pavimento exterior.

2. Obras de recuperação e de pequenas adaptações a novas funcionalidades que incluíram:

- a) Execução do sistema de aquecimento e arrefecimento.
- b) Revisão de todas as infraestruturas elétricas.
- c) Revisão de todo o saneamento e abastecimento de água.
- d) Trabalhos de funilaria corrigindo problemas no sistema de escoamento das águas pluviais.
- e) Instalação de medidas de autoproteção contra incêndio.
- f) Colocação de tapa ventos na entrada principal.
- g) Obras várias nos anexos.

## 6. CLASSIFICAÇÃO COMO MONUMENTO DE INTERESSE MUNICIPAL

A classificação do Palacete do Godinho como monumento de interesse municipal corresponderá ao reconhecimento do interesse relevante deste imóvel na história da construção da cidade de Matosinhos, nas múltiplas dimensões da sua identidade, e nas suas relações contíguas, próximas e distantes. Tem um valor como testemunho de construção social e, ao mesmo tempo, como de elemento estruturante da morfologia da cidade, indissociável do traçado da Rua do Godinho.

A classificação proposta abrange os pavilhões anexos e jardins, os muros que ladeiam o edifício, portões e escadarias exteriores. O limite nascente do imóvel a classificar tem como referência o limite correspondente da parcela vizinha a norte, que tem uma correspondência aproximada com o limite dos jardins do palacete, anteriormente à sua integração no Parque Público 25 de Abril.

Matosinhos, 04 de fevereiro de 2021.

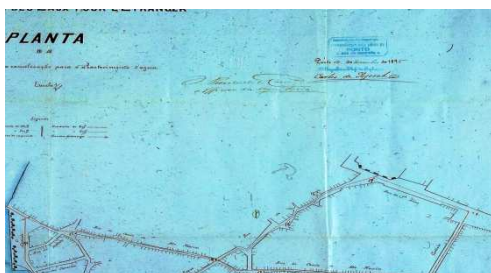
António Maia.

## 7. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A história da freguesia de Matosinhos remonta à Pré-História, sendo que os vestígios encontrados, quer na praia ou no estuário do Rio Leça, quer em Manhufe, testemunham a ocupação desses espaços a partir desse período histórico.

Será a partir do século XIII que esta dá os primeiros sinais de evolução, que assinala já um aumento populacional, conforme consta do documento de 1258, que regista que já era formada por 25 casais, com 175 habitantes. A proximidade ao mar e ao rio, contribuiu em grande escala para um desenvolvimento substancial, uma vez que esses dois corredores de comunicação, endógena e exógena, permitiam uma mais fácil circulação de pessoas e bens. A construção da Igreja, no século XVI, no alto de Manhufe, ou seja, a mudança para aquele local do centro religioso, potenciou um crescimento próprio de uma centralidade religiosa que contribuiu para a evolução deste território, cuja importância havia já sido já “validada” anteriormente, pela atribuição do Foral a Matosinhos.

Através dos registos paroquiais de 1758, aferimos que o Lugar de Matosinhos é um arruado com bastante povoação, dele fazendo parte 7 aldeias de lavradores: Linhares, Bouças, Sendim, Sra. da Hora, Lavadores, Real e Carcavelos. Integrando arruamentos, como a Rua Conde Alto Mearim, principal elo de ligação para Norte e para Sul, então designada “Estrada Real” e também a Rua Direita, a Rua de S. Roque, a Rua da Igreja, a Rua da Vitória, que veio mais tarde a chamar-se Avenida de D. Afonso Henriques, ou ainda o Caminho da Sant`Ana, no qual se encontrava a Ermida com o mesmo nome, referida no arrolamento de D. Rodrigo da Cunha em 1629.



Em meados do século XIX muitos são os portugueses que rumam ao Brasil, à procura de melhores condições de vida, procura essa motivada por muitas razões, dentre as quais se pode salientar o empobrecimento dos pequenos proprietários rurais.

É dentro deste contexto que imigraram para o Brasil em meados do século XIX, muitos Boucenses, entre muitos, João José dos Reis, 1º Conde S. Salvador, José João Martins de Pinho, mais tarde, Conde Alto Mearim, António Godinho da Silva, Comendador Camacho Teixeira,

João José dos Reis Júnior, 2º Conde S. Salvador, Silva Brinco e o Conde de S. Mamede de Infesta, cujos nomes vieram a ser perpetuados na toponímia local. Ao percorrer determinadas ruas da cidade, cruzamo-nos diariamente com estes nomes que nos relembram os seus feitos e os seus contributos para o desenvolvimento local, como é o exemplo de António Godinho da Silva.

Natural de Matosinhos, nasceu em 1807 e foi casado com Ana Augusta de Lima Godinho, era filho de João Godinho e de Maria Moreira.

Emigrou certamente para o Brasil muito jovem, uma vez que em 1862, já residia em Matosinhos, depois de ter conseguido obter no Rio de Janeiro uma apreciável fortuna.

Segundo consta da ata da Câmara de 30 de outubro de 1862 organizou-se uma comissão, da qual fazia parte, entre outros, Godinho da Silva, para apoiar a construção da estrada entre Matosinhos e São Mamede, uma vez que a Câmara não dispunha de verba para o arranque das obras.

Em 1871 participa novamente nos melhoramentos da vila, custeando todas as despesas havidas com as expropriações, e com as vedações dos terrenos necessários à abertura da rua que partia da Rua de Sant`Ana até ao Juncal de Cima/Rua Brito Capelo.

Após a primeira fase da abertura da Rua do Godinho, apresentou em 1874 um requerimento à câmara, submetido para apreciação na reunião de 8/01/1874, do qual constava que, oferecia os meios necessários para as expropriações dos terrenos com o objetivo de prolongar a rua até à praia. Para além das obras de melhoramento, mandou construir uma casa para si, em Matosinhos, com muitas características típicas da casa do “brasileiro”, o Palacete do Godinho, localizado na Avª Vitória (hoje Avenida de D. Afonso Henriques).

António Godinho da Silva, foi um homem muito solidário e generoso. O seu testamento desenhava os seus desejos de favorecer os mais desprotegidos nomeadamente os pobres da Cadeia de Relação, tendo também deixado um legado à Confraria do Bom Jesus, instituição que já então prosseguia fins religiosos e benemerentes, com o objetivo de que pudesse aquela instituição zelar pelas escolas por ele criadas e ainda para pudesse instituir prémios para os seus educandos.

A quinta de Chantre, localizada em Leça do Balio, pertenceu no século XIX a António Godinho da Silva. A casa e quinta do Chantre devem a sua designação ao cónego da Sé do Porto, Fernando Barbosa de Albuquerque, que sucedeu como Chantre da referida Sé ao seu tio Manuel Barbosa em 1736. Esta família gozava de grande proximidade com Nicolau Nasoni, o arquiteto que tão fortemente marcou o panorama arquitetónico do Porto e do Norte do país no reinado de D. João V.

Um grupo de amigos de António Godinho, atendendo às suas nobres virtudes, conseguiu que o Ministro do Reino da época lhe concedesse o título de Conde de Santana, título que não aceitou. No Salão Nobre da Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos, encontra-se um quadro pintado a óleo deste ilustre matosinhense que muito contribuiu para o desenvolvimento de Matosinhos. Como reconhecimento pelo seu empenhamento e dos atos de beneficência que praticou, foi perpetuado na toponímia local.

A casa, com características de casa tipo “brasileiro”, foi mandada contruir em meados do século XIX, num local privilegiado, próximo da Igreja de Matosinhos e defronte do local onde existiu a Capela de Sant`Ana, que se pensa tenha sido demolida aquando da abertura da Rua do Godinho, na década de 70 do século XIX.

Um dos limites desta propriedade confrontava com os terrenos onde foi construído o Hospital de Santa Violante, onde se encontrava uma mina de água encimada por uma construção em granito, da qual constava, na frontaria, um lintel gravado com o nome de António Godinho da Silva, tendo esta sido transferida para uma rotunda na Rua Alfredo Cunha em 2018.

O edifício foi edificado num plano superior à rua tendo, por essa razão, sido construídas escadas de acesso, quer no interior, quer nos acessos exteriores aos jardins que rodeiam o palacete. Jardins esses protegidos por gradeamentos de ferro. O hall da entrada está ladeado com dois painéis em azulejo azul e branco que narram o Milagre das Rosas (Rainha Santa Isabel ) retratando toda a cenografia do momento em que o pão dos pobres se transformou em rosas. O painel da esquerda ilustra a batalha de Valverde travada entre Castela e Portugal em 1385, tendo o exército nacional sido comandado pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira. Nos jardins existiam grandes árvores exóticas, tendo sobrevivido ainda um grande pinheiro do Brasil, uma espécie de símbolo dos brasileiros de *torna-viagem*. Existem ainda duas grandes pias em granito, onde funcionavam dois repuxos. Existiram várias esculturas que decoravam o jardim. Permanecem ainda no jardim a estufa e pequenos edifícios de apoio ao Palacete.

A Família Costa Braga adquiriu este palacete, que mais tarde foi adquirido pela Câmara, sendo reabilitado sob o olhar minucioso do Arquiteto Siza Vieira e posteriormente aberto a novos inquilinos, ou seja, aos jovens, uma vez que ali funciona a Casa da Juventude de Matosinhos desde os finais de 1997.

Matosinhos, 04 de fevereiro de 2021.

Gabinete Municipal de Arqueologia e História.



## BIBLIOGRAFIA:

DIONÍSIO, Sant' Anna – *Matosinhos, Leça e Praia da Memória*, em *Guia de Portugal, Entre Douro e Minho – Douro Litoral*, Volume IV, Tomo 1, 1964-1965, 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, outubro de 1985.

FELGUEIRAS, Guilherme. - *Monografia de Matosinhos*. 1958. Matosinhos.

GALANTE, Domingos - *Matosinhos ontem, hoje e amanhã: cartas de Lisboa - memórias de um matosinhense*. 2005, Câmara Municipal de Matosinhos.

GODINHO DE FARIA, Francisco Fernando - *Monographia do Concelho de Bouças*. 1899.

GOMES, António de Jesus. - *Viver em Matosinhos. 1850 – 1910*. Maio 2010, Matosinhos: Edição ANCIMA – Associação para a Animação da Cidade de Matosinhos e Câmara Municipal de Matosinhos, 2010. ISBN 978-972-9143-71-7.

LOUREIRO, José Carlos; PEIXOTO, Paula Torres; SANTOS, Patrícia Mota. – *Conhecer para Preservar. Casas de Brasileiro (Norte e Centro de Portugal)*. 1.ª Edição. Janeiro 2017, Porto: Edições Afrontamento, Lda, 2017. ISBN 978-972-36-1519-7.

RODRIGUES DE SOUSA, Manuel Tavares; GALEGO, Belmiro Esteves. – *Matosinhos: Fotomonografia Toponímica*. 2015, Matosinhos: Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, 2015. ISBN 978-972-9143-79-3.

TATO, José Fernandes – *A maré*. 2009, Matosinhos: Edium Editores, 2009. ISBN 978-989-8169-48-8.

Câmara Municipal de Matosinhos, 04 de fevereiro de 2021.

A Comissão do Património Arquitetónico e Histórico:

isabel flores, Conceição Pires, António Maia. Colaboração: Maria João Rodrigues, João Gomes.